

**QUANDO A COMUNIDADE NARRA: OLHARES, SILÊNCIOS E  
TEMPORALIDADE NA FORMAÇÃO DO CONJUNTO PALMEIRAS (1974-  
2014)\***

Cristiano Rodrigues Rabelo  
Secretaria de Educação do Ceará (SEDUC – CE)  
[rabeloc@ig.com.br](mailto:rabeloc@ig.com.br)/[rabelocr@gmail.com](mailto:rabelocr@gmail.com)

Os primeiros moradores removidos para o então inaugurado Conjunto Palmeiras vieram de áreas centrais da cidade de Fortaleza, que a partir da década de sessenta passou por várias obras de remodelação urbana, a exemplo de abertura de novas avenidas, asfaltamento de outras e construções de edificações como a Rodoviária Engenheiro João Tomé e o Estádio Plácido Aderaldo Castelo<sup>1</sup>. Ao mesmo tempo que havia um plano urbano para a expansão e modernização de Fortaleza<sup>2</sup>, a cidade não parava de receber cada vez mais pessoas. Imigrantes que vinham fugidos da seca e em busca de sobreviver com oportunidades na capital cearense. Segundo Souza (2009) entre 1950 e 1960, o aumento foi de 90%, e entre 1960 e 1970, houve um crescimento demográfico de 66%, causando problemas na capacidade de promoção de moradias salubres a essa população.

Por isso, com a intenção de atender as demandas de progresso urbano em Fortaleza e a necessidade de enfrentar problemas relacionados à ocupação na cidade foi criada a Fundação de Serviço Social de Fortaleza (F.S.S.F.), órgão ligado à Prefeitura cuja intenção era resolver os impasses relacionados ao desordenamento ocupacional que pudesse atrapalhar o desenvolvimento urbano da capital.

Ali, existem condições excelentes para a implantação de um grande núcleo urbano, com extensas áreas de terrenos baldios, clima agradável, farto lençol d'água. Entretanto, os mocambos nascem naquele local como por encanto, sem que a Municipalidade tome qualquer medida para evitar o agravamento de um mal que, hoje ou amanhã, terá de ser debelado. (A DEFESA...1971, p. 3)

---

\* Texto adaptado da dissertação intitulada “Memória de Nossas Lutas”: narrativas do Conjunto Palmeiras em Fortaleza, Ceará (1974-2014), aprovada em 23 de agosto de 2017.

<sup>1</sup> Até hoje, as duas construções são os maiores empreendimentos da cidade em seus respectivos segmentos.

<sup>2</sup> Houve dois planos de ordenamento e expansão urbana em Fortaleza nas décadas de 1960 e 1970. O Plano Diretor da Cidade de Fortaleza, de 1963, e o Plano de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana, de 1972.

Na coluna intitulada A DEFESA DA CIDADE fica claro quem são os inimigos a serem combatidos: os mais pobres. São eles que devem ser retirados e os grandes responsáveis por esse trabalho era a prefeitura da capital para o colunista. Uma opinião assustadoramente segregadora, mas que refletia sob quais bases a cidade crescia. Importa destacar que o bairro que havia condições excelentes era a Aldeota, que é um dos que concentram os empreendimentos e imóveis mais caros da cidade de Fortaleza hoje, e naquele período, como nos indica Silva (2009), foi o bairro para onde os grupos mais abastados da cidade de Fortaleza foram viver. Por outro lado, e longe dessas regiões que passaram a se tornar cada vez mais valorizadas pela especulação imobiliária, na segunda metade do século XX, em Fortaleza, a F.S.S.F. começou os trabalhos para implantação do Conjunto Palmeiras<sup>3</sup>. Por viverem em áreas de risco, os primeiros removidos foram retirados às pressas de regiões atingidas por enchentes.

Uma cousa é certa, se não forem tomadas às devidas providências, antes dos deslocamentos de famílias desabrigadas para aquelas palhoças, o drama vai ser pior do que os provocados pelas enchentes: ao invés de se ter encontrado solução para o problema, vai-se agravar mais a situação. [...] É necessário que se faça uma orientação para o soerguimento dos barracos, sem falar na abertura de estradas, linhas de ônibus, posto de saúde, escola, quadras de recreação, energia elétrica, serviços de escoamento das águas, água potável e outras necessidades mais. (CONJUNTO...1974b, p. 05)

No dia 23 de maio de 1974, repórteres do jornal O Povo publicaram uma matéria com o título Conjunto Palmeiras: de habitável só o nome. Em todo o texto eles destacaram as dificuldades encontradas no conjunto habitacional recém-inaugurado pela Prefeitura da cidade. A narrativa é uma saga de dificuldades sem fim, começando pelo atolamento do carro da reportagem, presa na precária estrada aberta para se chegar lá.

---

<sup>3</sup> O Conjunto Palmeiras foi o terceiro conjunto habitacional implementado pela F.S.S.F., os dois anteriores, Marechal Rondon e Alvorada, tiveram sua inauguração três anos antes, como projetos pilotos e seguiram o seguinte modelo de planejamento: 1. Estudo da área a ser removida, visando ao conhecimento da situação sócio-econômica dos favelados e os estados dos imóveis; 2. Identificação das famílias, mediante abordagem do Serviço Social com visitas domiciliares; 3. Verificação das condições materiais do barraco ou casa (tipo), acabamento, número de cômodos, medição e características especiais (benfeitorias), feita sob a supervisão de um engenheiro, para determinar o valor da indenização; 4. Preparação dos favelados para remoção; 5. Definição de uma sistemática para pagamento das indenizações, para demolição e retirada de material; 6. Assinatura do contrato de compra e venda, recebimento da indenização, pagamento da primeira prestação do terreno e sorteio do lote; 7. Encaminhamento das famílias para o alojamento provisório do conjunto, onde recebem instruções sobre as exigências da localização da casa e orientação sobre a construção; 8. Construção de um vão inicial para mudança imediata, desocupando o alojamento (ALDACI, 1975, p. 19-20).

Como se nota, o tom crítico tem relação imediata às soluções encontradas para aqueles que estavam na categoria de mais pobres, pessoas que viviam em uma cidade que deveria seguir o progresso. Porém, este, só beneficiou alguns desses moradores. Outros foram tratados com medidas paliativas que atenuaram os problemas de uma população que já estava em condições precarizadas, longe dos postos de trabalho onde residiam, sem transporte público, escola, posto de saúde, entre outras necessidades dignas do ser humano.

A celebração dos 50 anos do sacerdócio de padre Francisco Moser<sup>4</sup>, como é chamado carinhosamente pela comunidade, serviu como retorno a esse passado de dificuldades e as lutas por melhoria. O padre, nascido na Itália, veio para o Brasil em 1968, indo viver na cidade de São Paulo onde se deparou com desafios imensos e que serviram de experiência quando chegou a cidade de Fortaleza, a convite do Arcebispo da capital: Dom Aloisio Loscheider. Moser chegou em 1986, junto com Luis Formasier, companheiro italiano, cujo desafio era desenvolver aqui algo que já estava sendo feito na capital paulistana. Era o trabalho comunitário. Sensibilizar a reunião e união dos moradores para aspectos mais coletivos e menos individualistas.

a visão que a gente tinha, ela vinha também da experiência, de uma experiência semelhante, análoga na cidade de São Paulo, das grandes periferias, que também tinham encontrado caminhos, senão de solução, pelo menos, caminhos satisfatório para a grande população que morava nas periferias. Por exemplo, uma operação Periferia, chamava assim, porque tinha sido inspirada na criatividade, também do cardeal Arns em São Paulo, que era uma pessoa muito sensível, atenta a questão da pessoa humana, o direito da comunidade ter também o espaço comunitário, o espaço de agregação, não é só aquele espaço individual, casa por casa, mas casas que se reúnem, famílias que se juntam para eles mesmos encontrarem soluções às questões que eles estão, a visão era esta, convidar o povo, até (+) lutar para direito imediato deles, mas também, reservar tempo, ganhar um sentido comunitário daquilo que estava acontecendo. (MOSER, 2015, Não paginado)

Esse evento de celebração tinha uma programação de visitas a diversos espaços do bairro e a sua presença foi fundamental para a realização do que Jelin (2002) chama de trabalhos da memória<sup>5</sup>. Dentre as visitas, chamou-nos atenção à realizada à casa

---

<sup>4</sup> Esse evento ocorreu em janeiro de 2015, em decorrência da visita do Padre à comunidade.

<sup>5</sup>Jelin (2002) diz que o Trabalho da Memória é diferente de uma recordação que vem naturalmente, sem esforço. Essa memória age de forma ativa, com sujeitos que usam o passado para transformações simbólicas e construção de sentidos em seu tempo.

de Wayne<sup>6</sup>, ex-locutor da rádio comunitária Santos Dias, que insistentemente ligava para uma das organizadoras, conhecida como Beth<sup>7</sup>, para que o padre fosse a sua casa, pois precisava conversar com ele e de sua benção. Aquele momento não foi apenas o encontro entre amigos antigos, mas um momento de reencontro com um passado do qual os nutria de significados. Como nos alerta Pierre Nora (1993), os períodos de celebrações são lugares de memória cujo objetivo é ressignificar sobre o que importa não esquecer, que é, portanto, um fator decisivo na efetivação da identidade individual e coletiva.

“Os lugares de memórias nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notoriar atas, porque essas operações não são naturais.” (NORA, 1993, p. 13).

Wayne, ao lembrar da sua formação dentro do movimento popular, ressalta a importância que teve com a chegada dos padres e do engajamento que passou a conhecer, comparando esse momento de sua vida com uma aula que você está gostando de ouvir do professor em uma escola. Portanto, para ele, o aprendizado ocorre quando há identificação com aquilo que é ensinado. Em seu caso, a presença do padre em sua vida é a mesma de um mestre, que o ensinou a pensar a realidade vivida e como melhorá-la.

Depois eu me engajei, fui fazer a catequese, que é a primeira comunhão, depois fui frequentando a missa, aos domingos, depois, fui observando um grupo de jovens, depois me viram e me convidaram, aí no início sempre a gente recusa, depois acaba entrando. Foi nesse engajamento na igreja que eu comecei a conhecer os padres dessa linha diocesana, linha da teologia da libertação, vários padres, como Padre Jacó, Zé Maria, Padre Eduardo e Padre Bernardo, depois, Padre Chico, Padre Luís. Sempre padres que eram de uma dessa linha de (+) dessa teologia da libertação, das questões sociais, de uma linha de enfrentar as autoridades, na busca pelos direitos sociais, por uma vida mais digna para o povo. A gente começou a fazer essas lutas juntos, de diversas formas como relatei no início da entrevista, como pela água, luz, etc e educação, moradia mais digna, saneamento básico, todas essas questões, creche. A gente vai se engajando, vai lutando, vai vendo como é feito, vai observando as lideranças, as cabeças, o que é falado, as reivindicações, as faixas, cartazes, tudo isso aí a gente (+) é uma aprendizagem! É como você entrar em um colégio e gostar do que está ouvindo do professor, da professora e se interessar, vai se aprofundando e realmente chega onde você quer, você aprendeu, você prestou atenção, você sentiu o gosto. (ARAÚJO, 2015, não paginado)

---

<sup>6</sup> Nome: Wayne Thiago da Silva Araújo, 53 anos

<sup>7</sup> Nome: Elisabeth Vieira da Silva Bezerra, 62 anos.

A sua narrativa sobre como passou a participar das lutas em busca de melhoria para o bairro também traz aspectos que se relacionam a um outro documento, que consideramos ser o primeiro material escrito em que se buscou narrar sobre o conjunto habitacional: a primeira cartilha da série “Memórias de Nossas lutas”. Nesse documento, que tem o título de habitando o inabitável, há um esforço para se constituir uma narrativa sobre as origens precárias da comunidade e a sua capacidade de organização coletiva para tentar superá-las.

Dispondo de ilustrações, fotografias, falas de uma peça de teatro sobre o bairro e reflexões, o sentido impregnado na cartilha procurou evidenciar o caráter coletivo de constituição do bairro. As dificuldades com a transferência dos moradores a uma região precária, passando pelos primeiros focos de organização e o período do que é chamado na publicação de as “Grandes Lutas” são etapas selecionadas na composição da publicação. Uma evidência importante nesse momento são as perguntas que vêm ao longo de todo o documento. Questionamentos que buscam atingir a quem ler, em uma clara referência à necessidade de ensinar às futuras gerações com memórias ali presentes. (RABELO, 2016, p. 94)

As primeiras páginas da cartilha também procuraram estabelecer a quem ler o sentido de precariedade que foi a vida na comunidade nos primeiros anos. Há nas falas de sujeitos como Wayne, que costuma ressaltar as dificuldades encontradas e, como a partir da organização coletiva elas foram superadas, uma convergência de sentidos que vão sendo apresentados à medida que analisamos as narrativas produzidas na tentativa de estabelecer o que lembrar sobre esses primeiros anos da comunidade. Isso é importante porque se estabelece um primeiro aspecto dos usos da memória para a produção de uma certa identidade coletiva no Conjunto Palmeiras: o de que, por meio da luta e enfrentamento das dificuldades impostas pelo poder público, eles foram capazes de superar. Ressalte-se ainda que a cartilha produzida possuía dois objetivos claros: o de ser um documento que deveria preservar os principais feitos daqueles moradores e de servir como exemplo para as futuras gerações.

Não se pode negar que a fala de Wayne é profundamente influenciada por uma narrativa que se estabeleceu a partir dos anos noventa com a publicação da primeira cartilha<sup>8</sup>, momento em que ele participava ativamente da organização coletiva. No entanto, mais melhorias eram importantes para o bairro, apesar da conquista da água

---

<sup>8</sup> A primeira cartilha foi publicada em 1991.

encanada, da energia elétrica e do transporte público, a comunidade ainda carecia de muita coisa. A continuidade da luta era necessária. A narrativa da cartilha servia a esse propósito, o de incentivar a continuidade da organização coletiva

[...] o passado recordado está perto demais e, por isso, ainda desempenha funções políticas fortes no presente [...]. Além disso, os que lembram não estão afastados da luta política contemporânea; pelo contrário, tem fortes e legítimas razões para participar dela e investir no presente suas opiniões sobre o que aconteceu não faz muito tempo. (SARLO, 2007, 60-61)

Nesse sentido, ao lembrar sobre esse passado, Wayne não apenas converge com uma narrativa de dificuldades e de superação destas, mas se coloca como um desses sujeitos que procurou continuar na luta organizada pelo Conjunto Palmeiras, participando até hoje de movimentos sociais em busca de melhorias para a população do bairro. Olhando os eventos em retrospecto, a partir das vivências que teve ao longo da sua vida, sua narrativa é fortemente marcada pelas experiências das quais presenciou. São elas que dão força ao seu testemunho e que julga necessário para se considerar uma liderança do bairro.

Hoje quando se fala em MCP não tem como lembrar do meu nome (sic.). Aonde for por aí, “ah sei quem é, o Wayne né?”. Eu não sou muito querido dentro dessas organizações não sabe?! Estado e Município porque eu bato de frente com eles, que é aquilo que a associação não quer fazer mais ou não faz mais. Mas mesmo assim eu não desisto, eu cobro. (ARAÚJO, 2015, não paginado)

Para Alberti (2004), duas intencionalidades se apresentam quando se trata do que chama de documento vivo. A primeira diz respeito ao entrevistado, que deseja fazer com que seu interlocutor o entenda, e a do entrevistador que deseja que outro fale sobre a sua experiência. A segunda diz respeito à concepção de que a entrevista é sempre uma interpretação do passado. Por isso, cabe ressaltar que

Lembranças não são reflexões prontas do passado, mas reconstruções ecléticas, seletivas, baseadas em ações e percepções posteriores e em códigos que são constantemente alterados, através dos quais delineamos, simbolizamos e classificamos o mundo à nossa volta (LOWENTHAL, 1998, p. 103).

Ainda nos anos noventa, especificamente, em 1995, há a publicação de outra cartilha da série. Esta, por sua vez, procura dar continuidade ao modelo narrativo da primeira. Porém, a segunda, buscou relatar algo mais específico: a construção de um canal

de drenagem feito pelos próprios moradores e geridos pela associação de moradores do Conjunto Palmeiras (ASMOCONP), com recursos internacionais, municipais e estaduais<sup>9</sup>. Toda a narrativa buscou dar uma nova característica para a comunidade. Agora não mais a organização coletiva, baseada nas ações comunitárias e nas manifestações coletivas, mas como a comunidade conseguiu aprender noções de gerenciamento de recursos e construir uma obra tão complexa. A partir desse momento, é notória uma mudança significativa no modelo de narrativas que foram produzidas sobre o passado. As várias iniciativas populares<sup>10</sup> vão dando lugar apenas a presença da associação de moradores, e a partir de 1998, ao Banco Palmas, primeiro banco comunitário do Brasil.

O Banco Palmas nasceu com o objetivo de gerar emprego e renda dentro da comunidade. O objetivo inicial era ser uma alternativa comunitária que proporcionasse auxílio financeiro a famílias de baixa renda que gostariam de começar ou expandir algum empreendimento comercial, a partir do incentivo aos negócios locais. Após 2003, a iniciativa passou expandir-se para outras comunidades do Estado do Ceará e do Brasil, chegando ao ano de 2013 com mais de 100 bancos comunitários nos moldes do inaugurado no Conjunto Palmeiras<sup>11</sup>.

Junto com o crescimento do banco uma narrativa que justificava os comos e por quês da criação de um banco passou a ser comunicada cada vez mais. Era preciso dizer como uma comunidade pobre, removidos e relegados pelo poder público, conseguiu superar as adversidades e inaugurar um banco, com uma moeda própria<sup>12</sup>. Um dos expoentes dessas narrativas foi o diretor do banco, João Joaquim de Melo Neto Segundo. Em uma de suas palestras, afirmou:

Nos próximos dez anos a grande tarefa vai ser gerar um trabalho, um projeto de trabalho e renda, aqui dentro da comunidade, para que as pessoas possam trabalhar, ter dinheiro e ficar morando aqui. E durante o ano de 1997 inteiro nos perguntávamos: que projeto é esse que pode dar certo? Nós éramos 30 mil habitantes, com um problema de qualquer periferia urbana, 90% das pessoas

---

<sup>9</sup> O canal de drenagem foi uma parceria entre governo do Estado do Ceará, Prefeitura de Fortaleza e Cooperação Alemã de Apoio Técnico (GTZ).

<sup>10</sup> No final da primeira cartilha aparece todas as associações que existia no bairro, denotando a ênfase no movimento popular comunitário.

<sup>11</sup> Para prestar consultoria para criação de outros bancos comunitários foi criando em 2003 o Instituto Palmas.

<sup>12</sup> No ano 2000, o Banco Palmas passou a usar uma moeda social, chamada de Palmas. Ela circulou no comércio local que poderia ser trocado pelo real na sede do próprio banco. Nesse período, foi comum ver em vários estabelecimentos avisos que aceitavam a moeda Palmas.

ganhavam um salário mínimo, até hoje ninguém tinha nível universitário, escolaridade lá embaixo, capacitação profissional das pessoas também muito baixa e 90% estava com nome no SPC. [...] Esse projeto, nós criamos e demos o nome de Banco Palmas, nós íamos criar um banco nessa comunidade, um banco nosso, gerenciado pela associação, de propriedade da associação. (Informação verbal)<sup>13</sup>

O Banco Palmas tem origem como um projeto da ASMOCONP e durante muitos anos funcionou na própria sede da associação de moradores usando o seu CNPJ para realizar transações. A ASMOCONP passou a depender cada vez mais do banco, inclusive, financeiramente, com o pagamento da energia elétrica e água, por exemplo. Desvinculou-se em 2013 quando foi inaugurada uma sede própria. Esse fator gerou duas consequências que impactaram diretamente nas disputas do passado sobre o Conjunto Palmeiras. A primeira foi que a criação e o desenvolvimento do Banco Palmas ocupou definitivamente o espaço das narrativas produzidas sobre o bairro, era em função dele que estas passaram a ser produzidas. A segunda foi que, à medida que essa profusão de narrativas sobre o banco ganhou mais espaço, outras iniciativas, ainda presentes, pareceram inexistir. Sobre isso, cabe refletir que a lembrança e o esquecimento caminham lado a lado em relação à memória. Segundo Huyssen (2000, p. 20) “Quanto mais pedem para lembrar, [...] mais nos sentimos no perigo de esquecimento e mais forte é a necessidade de esquecer”. Pode-se, assim, afirmar que a escolha por qual passado lembrar evidencia também qual passado a ser esquecido.

No caso do Conjunto Palmeiras, a partir da criação do Banco Palmas, há nas narrativas proferidas para justificar a criação do banco uma tentativa de valorizar uma comunidade que, desde a sua criação, foi tratada por meio de estigmas depreciativos<sup>14</sup>. Por isso, com o crescimento do empreendimento comunitário e sua expansão, logo notaram uma forma de trazer mais investimentos, que refletiria em melhorias para a comunidade em geral<sup>15</sup>. De todo modo, apesar disso, esse modelo silenciou outras lutas

---

<sup>13</sup> SEMANA do Empreendedorismo Natura. Palestra de Joaquim de Melo - Banco Palmas. 01:16:15. Nov. 2008. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=rr6jPjJpv8M> >. Acessado no dia 10/10/2015.

<sup>14</sup> Há nas narrativas produzidas muitos relatos sobre como eram vistos na cidade de Fortaleza. Chamados de índios por viverem longe e isolados e, depois, com o passar dos anos, era a miséria e a violência que os caracterizava.

<sup>15</sup> O banco passou a oferecer serviços como saque do Bolsa-Família, pagamento de faturas, além do aumento da sua carta de crédito, possibilitando emprestar quantidades maiores e para mais pessoas.

que tiveram, e algumas ainda existem, a mesma função do Palmas, o de lutar por melhorias no Conjunto Palmeiras.

Michel Pollak (1989) reflete sobre esse modelo de disputa que se dá em relação às narrativas oficiais que procuram englobar uma memória coletiva acerca da história de um grupo. Ressalta que essa noção passou a ser vista de maneira que sua consolidação e a noção de finitude dessas narrativas deixaram de ser os únicos referenciais em detrimento de versões que contestam o espaço de atuação com a presença de sujeitos que reivindicam as suas memórias como parte integrante da coletividade. Isso ocorre em virtude do aparecimento de memórias subterrâneas que ganharam notoriedade com a força da História Oral. Tais memórias dialogam com o que Voldman (2006, p. 40) caracteriza como sendo de sujeitos simples e excluídos, isto é, “aqueles que entendemos a considerar os não atores da história, cuja importância passa a ser valorizada pelo simples fato de o historiador solicitá-los e entrevista-los”, por isso

A grande testemunha é aquela que construiu sua identidade sobre uma ação voluntária e conscientemente interpretada [...] o ex-ministro ou o obscuro militante de base não tem status essencialmente diferentes. Tantos uns quanto outros podem dizer “eu” ou “nós”. Eles são “testemunhas-sujeitos”. Do outro lado está a obscuridade, que a historiografia passada costumava considerar como simples espectadores ou diluir na massa de soldados, dos camponeses ou dos proletários, silhuetas indispensáveis dos grandes afrescos, mas sem nome nem rosto. (VOLDMAN, 2006, p. 41)

No Conjunto Palmeiras, tratar a relação entre as narrativas produzidas com as que chamamos de outras memórias é lidar com uma situação que extrapola o entendimento de Voldman (2006), mas que entendemos colocar-se como versões dos fatos que foram, com o tempo, sendo esquecidos ou silenciados. Consideramos que os moradores do bairro constituíram a partir de suas iniciativas modelos de narrativa que visaram combater o seu próprio esquecimento, denunciado a situação de miséria e de adversidades a que foram submetidos.

Essas iniciativas sempre estiveram presentes no cotidiano do bairro, sendo a continuidade das lutas sociais das quais as narrativas de Wayne e da primeira cartilha enfatizaram. Uma delas que podemos citar foi a criação do jornal comunitário Antena das Comunidades. Criado em 1994, era um modelo de comunicação na região do Jangurussu, da qual o Conjunto Palmeiras fazia parte, e compreendia a circulação dentro do que ficou

conhecido como área pastoral do Conjunto Palmeiras. O jornal foi consequência de uma das atividades promovidas por Padre Chico, que procurava incentivar a comunicação entre as comunidades. Com viés católico, ligado à concepção presente nas Comunidades Eclesiais de Base e da Teologia da Libertação, o semanário procurava dar conta dos principais eventos ocorridos na região. Mas não significava apenas isso, era, sobretudo, um veículo de formação para a religião, para a cidadania e para a conscientização política.

É necessário caminhar ombro a ombro com nosso irmão, vivenciando o verdadeiro sentido da palavra companheiro. É necessário colocar em comum as experiências. Aprender o caminho da solidariedade e da partilha, traduzindo numa prática evangélico-libertadora. (EDITORIAL, 1995, capa)

A publicação do jornal era um modelo alternativo de circulação de informação e buscou relatar várias atividades que ocorriam nas comunidades da área pastoral do Conjunto Palmeiras. Notícias sobre remoções, ocupações, greve de trabalhadores, maus tratos de mulheres em fábricas, críticas ao governo Fernando Henrique Cardoso e reflexões por meio de textos em formato dissertativo ou em poesia aparecem com muita frequência nos exemplares.

Sou mulher

Que por milhares de anos  
Fui esquecida  
Que nunca fui vista  
Como imagem e semelhança de Deus  
Sou mulher!  
Que sempre fui abafada, negada  
Como ser humano  
Sempre fui tratada como objeto  
Sem valor  
Sou mulher!  
Que foi vítima de opressão  
Uso e abuso sexual  
Ate taxada como pecadora  
Só per [sic.] ser mulher  
Sou mulher!  
Que não suporta mais esta prisão  
Esta carga que o sistema machista  
Impôs sobre nós por muitos e muitos anos  
Nos trataram como incapazes de sermos  
Iguais aos homens  
Que acordo de um sonho com pesadelo  
De ouvir as humilhações  
Sempre me jogando na sarjeta

Da servida  
Sou mulher!  
Que não suporta mais a coroa  
De rainha do lar  
A qual não passava de uma trouxa  
De roupa suja  
Sou mulher!  
Que quero meu espaço  
Como gente  
Quero ver meus direitos  
Respeitados  
Não quero tomar o lugar de  
Ninguém,  
Só quero meu espaço que sempre foi  
Negado  
Sou mulher!  
Só quero meu espaço que sempre foi negado  
Sou mulher!  
Quero ver um mundo diferente  
Quero quebrada todas as amarras,  
Correntes,  
Vendas,  
Quero livremente, SER MULHER (MARIANO, 1997, p. 03)

O poema em tom de denúncia revela uma série de imagens as quais submetem a mulher no cotidiano do machismo. Mas, para a autora, não cabe mais trata-las como rainhas do lar se não as respeitar de forma igual, como gente que possui direitos. Por isso, é necessário quebrar as amarras e as correntes para serem mulheres, de forma livre. Os versos evidenciam, assim, um modelo de pensamento que pode ser entendido como algo que foi sendo gestado ao longo desse movimento iniciado ainda na década de oitenta e que foi ganhando força no decorrer dos anos, culminando na formação da Associação de Mulheres em Movimento. Uma de seus membros, Beth, uma das organizadoras do evento em homenagem à Padre Chico e uma liderança ativa no movimento popular, sobretudo, ligado à CEB's, narra como as lutas e a conscientização foram importantes para muitas mulheres.

Essas mesmas experiências com plantas medicinais, com mulheres, autoestima, contra a violência à mulher, que o movimento de mulheres começou na Palmeiras, no Conjunto Palmeiras, por conta que as mulheres apanhavam, a violência era tão grande, elas apanhavam do marido e isso, esse fato, fez com que surgisse esse movimento, nessa época. As mulheres eram objetos e não saíam dentro de casa, os maridos não deixavam as mulheres saírem de casa, tinham mulheres que não conheciam o centro da cidade, nunca tinha saído e aí a gente começou com várias iniciativas com as mulheres. Eram grupo de produção, era cursos, era saúde, era serigrafia, era alimentação, eram tantas oportunidades, era alfabetização de adulto, VÁRIOS GRUPOS NA

PALMEIRAS, tinha 7, 8 grupos SÓ NA PALMEIRAS de alfabetização de adulto. Era uma coisa assim, começou a acontecer, lá na Piçarreira, lá no Aldaci Barbosa, lá na, sabe, vários locais (BEZERRA, 2015, não paginado)

Relata que uma dessas mulheres foi a autora do poema exposto acima e uma das fundadoras da associação de mulheres em movimento, Socorro Mariano. Portanto, o que se afere quando analisamos essas iniciativas do movimento popular do Conjunto Palmeiras é que há um momento de formação dessas lideranças, muitas delas vinculadas à Igreja Católica, em sintonia à Teologia da Libertação<sup>16</sup>. Nesse sentido, as iniciativas advindas das lutas sociais, da CEB e da formação política e para a cidadania que essas experiências geraram tendiam a não ficar apenas para os seus membros, era necessário sensibilizar outras pessoas. O poema contra o machismo e a Associação de Mulheres em Movimento são bons exemplos dessa intencionalidade. Não bastava ter sido vítima do machismo e ter conseguido se libertar dele, era necessário incentivar outras mulheres a fazerem o mesmo, ainda que pertencentes a religiões que, com seus dogmas ortodoxos, pregasse diferente. Era resistência.

A relação entre o Banco Palmas e a profusão de narrativas que expunham o crescimento da instituição é vista com ressalvas em relação à própria luta coletiva dentro do Conjunto Palmeiras. Nos anos 2000, como já citado anteriormente a associação de moradores ficou cada vez mais dependente da instituição financeira, gerando críticas do movimento popular sobre a própria identidade da ASMOCONP, que foi perdendo sua principal função: a de ser uma promotora das lutas coletivas.

Mas nós criamos o Banco Palmas e o Banco Palmas taí, virou uma OSCIP, as mãe tem filho pra o mundo, então a Associação criou o Banco palmas, era um projeto da Associação que foi aprovada pelo conjunto e quando ele cresceu saiu de dentro de casa, casou. [...] ela sentiu o lado financeiro porque o Banco Balmas assumiu muita coisa aqui dentro, o instituto. Mas com relação, a, como é que a gente diz, porque a Associação estava desaparecendo em termo de fantasia, o nome, só quem aparecia era o Banco Palmas. O pessoal, a comunidade mesmo, não vinha pra Associação, vinha para o Banco Palmas.

---

<sup>16</sup> Pode-se considerar três momentos da Igreja Católica que serviu para a realização de reformas e abertura da instituição para outras perspectivas. O Concílio Vaticano II, que aconteceu entre os anos de 1962 a 1965 e foi responsável por realizar uma reforma litúrgica e fazer com que a igreja pudesse se abrir para o mundo, no que ficou conhecido como aggiornamento. O Concílio foi a inspiração para que em 1968 fosse convocada a II Conferência-Geral do Episcopado Latino-Americano (CGELA) em Medellín, na Colômbia, que discutiu e criou diretrizes para o enfrentamento dos problemas inerente à realidade da América Latina. Era o nascimento da Teologia da Libertação, uma igreja que havia optado preferencialmente pelos mais pobres e que se reafirmaria, com disputas entre Padres progressistas e conservadores, na III CGLA em Puebla no ano de 1979.

Até hoje muita gente diz. [...] Então, a Associação, ela perdeu muito com isso. Ela perdeu a razão dela, hoje é que ela tá resgatando a identidade dela porque o Banco Palmas cresceu TANTO que a Associação desapareceu, só era o Banco Palmas. (LIMA, 2016, não paginado)

Esse movimento é visto por algumas lideranças como uma crítica aos rumos do movimento popular do Conjunto Palmeiras. Ao lembrarem do passado e de toda a atuação coletiva que tiveram, avaliam uma transformação, era agora um não tempo de lutas. A referência a isso se dá em suas narrativas comparando com o tempo de lutas sociais dos anos iniciais da comunidade, que legou conquistas ao bairro e tinha a ASMOCONP como grande promotora desse movimento.

Aparecendo (mas não sendo) a ASMOCONP como representação generalizada dos moradores do bairro, e sendo o BP um braço desta; e, por fim, sendo o Instituto Palmas o gestor do projeto, pode-se dizer que estes três trabalhos (Associação, Banco e Instituto) estão intrinsecamente ligados, mas que não são a mesma coisa: a opinião dos moradores não corresponde exatamente a da Associação, e esta não corresponde necessariamente ao Instituto. Isto enfim, acaba sendo esquecido quando se escreve a história do bairro a partir do Instituto e da ASMOCONP: a luta dessas instituições acabam aparecendo (apenas na aparência, não na sua essência) como sendo às próprias lutas coletivas do bairro. Destarte, fica a impressão de que as afirmações destas Instituições são consensos entre os moradores – como a decisão generalizada pela inclusão financeira, a luta econômica, a consolidação da urbanização do bairro e, até mesmo, a dimensão dele. (VARELLA, 2013, p. 155-156)

Isto é, há com o passar dos anos e com o processo de criação e expansão do Banco Palmas a adequação à lógica externa que ligam grandes agentes fomentadores ao mercado. Isso, segundo o autor influenciou decisivamente na alteração do que se concebia como solidariedade<sup>17</sup>, passando de algo comunitário, para algo aparentemente comunitário, em que a influência externa passou a atuar de maneira decisiva, contribuindo para que a autonomia fosse apenas aparente. Contudo, chama atenção para o fato de que, ao escrever a história do bairro, a versão que parte da instituição de economia solidária não é consenso entre os moradores, é, na realidade, uma tentativa de criação de uma imagem cujo Banco é o beneficiado.

O Conjunto Palmeiras se tornou bairro oficialmente em Fortaleza apenas em 2007. No projeto de lei que o institui como tal tem como justificativa o passado do bairro

---

<sup>17</sup> O termo solidariedade vem da noção de Economia Solidária que o Banco Palmas passou a usar a partir de 2003. Isto é, o um banco cujo objetivo não é o lucro, mas o desenvolvimento de todos a partir de um tipo de economia que promova a cooperação ao invés da competição.

em uma narrativa que buscou evidenciar as lutas e conquistas de seus moradores. As narrativas produzidas acerca da comunidade podem ser analisadas como criaturas e criadoras de uma identidade que tinha, entre outros objetivos, constituir uma imagem positiva da população que lá vivia. Foi, portanto, uma forma de luta política que buscou trazer olhares, sobretudo, do poder público para as necessidades da população que lá vivia. No entanto, é preciso destacar que outras iniciativas que vão além do banco também buscaram a melhoria local. Não foram tão destacadas nas narrativas que tinha o banco como principal iniciativa do bairro, mas os sujeitos estavam lá, no silêncio do trabalho comunitário, transformando o local onde viviam.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar:** textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ARAÚJO, Wayne Thiago da Silva. Entrevista II (Mar. 2015). Entrevistador: RABELO, Cristiano Rodrigues. Fortaleza-CE: UECE: 2015. 3 Arquivos. Mp3 (01h22min; 01h48min; 21seg)

BEZERRA, Elizabeth Vieira da Silva. Entrevista V (Ago. 2015). Entrevistador: RABELO, Cristiano Rodrigues. Fortaleza-CE: UECE: 2015. 2 Arquivos. Mp3 (01h37min; 01h13min)

CONJUNTO Palmeiras: de habitacional só o nome. **O Povo**. Fortaleza, p. 05, 23 de Maio de 1974b.

A DEFESA da Cidade. **Tribuna do Ceará**. Fortaleza, Ceará, p. 3, 5 de Julho de 1971.

EDITORIAL. **Jornal Antena das Comunidades**. Fortaleza, capa, 21 de outubro de 1995.

FUNDAÇÃO DE SERVIÇO SOCIAL DE FORTALEZA. **Programa Integrado de Desfavelamento**, Estudo Preliminar. Fortaleza, Ceará, 1973.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória:** arquitetura, monumentos, mídia. 2. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria**. Madri: España, Século XXI, 2002.

LIMA, Marinete de Brito. Entrevista VI (Ago. 2016). Entrevistador: RABELO, Cristiano Rodrigues. Fortaleza-CE: UECE: 2015. 2 Arquivos. Mp3 (01h03min; 10min)

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. **Projeto História**, São Paulo, n. 17, p. 63-201, Novembro, 1998.

MARIANO, Socorro. Sou Mulher. **Jornal Antena das Comunidades**. Fortaleza, p. 03, 05 de Março de 1997.

RABELO, Cristiano Rodrigues. Agenciar Memórias, Erigir um Bairro: a produção narrativa sobre o Conjunto Palmeiras em Fortaleza (1991-2014). **Revista Morpheus**. Rio de Janeiro, v. 9, n. 16, Ago/Dez, p. 85-107, 2016.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento e Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3. p. 3-15, 1989.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: Cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, Belo Horizonte UFMG, 2007.

SILVA, José Bozarcchiello da. Formação socioterritorial urbana. In: DANTAS, Eustógio Wanderley Correia et. al.. **Da cidade à metrópole**: (trans)formações urbanas em Fortaleza. Fortaleza: UFC, 2009.

SOUZA, Maria Salete de. Análise da estrutura urbana. In: DANTAS, Eustógio Wanderley Correia; SILVA, José Borzacchiello da; COSTA, Maria Clélia Lustosa. **De cidade à metrópole**: (trans) formações urbanas em Fortaleza. Fortaleza: UFC, p. 13-86, 2009.

VARELLA, Marcelo Cunha. **Da solidariedade à economia solidária**: um estudo sobre os processos socioespaciais ocorridos no Conjunto Palmeiras. 2013. 207 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Setor de Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2013.

VOLDMAN, Danièle. Definições e usos. In: AMADO, Janaina, FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, p. 33-42, 2006.